

Panorama da violência contra as mulheres nas universidades brasileiras

Tânia Mara Campos de Almeida

Depto de Sociologia e Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre
Mulheres -Universidade de Brasília (UnB)

Contexto geral

- Por séculos, universidades foram espaços exclusivamente masculinos;
- A ciência moderna foi estabelecida com a exclusão das mulheres de seus espaços de poder, construção de saberes e inovações tecnológicas.
- Em oposição a essa situação e em busca do princípio de igualdade anunciado pela Modernidade, as mulheres vêm se empenhando há décadas em adentrar às portas do ensino superior e dos centros de pesquisa em várias partes do mundo, levantando inclusive o debate enquanto legítimas produtoras de conhecimento e capacitadas para atuar em todas as frentes do mercado de trabalho.
- Esse movimento ganhou força por meio da formulação de epistemologias feministas e da crítica feminista à ciência iniciada nos anos 1970, colocando em confronto os modos de organização e obtenção da verdade científica, como a imparcialidade, a neutralidade, os binarismos e o androcentrismo, presentes nas instituições e nos processos de elaboração dos resultados investigativos. Além disso, questionamentos aos modelos educacionais implantados na América Latina voltaram-se criticamente para o seu viés eurocêntrico, com explícitos traços racistas, classistas e de colonialidade, juntamente com o sexismo, impedidor do acesso das mulheres indígenas, negras, pobres e outras minorias sociais nesse espaço.
- Universidades: espaço da mais alta qualificação educacional, com grande distinção em países com fortes desigualdades e com expectativas de sua centralidade no processo civilizatório e pacificador da sociedade.

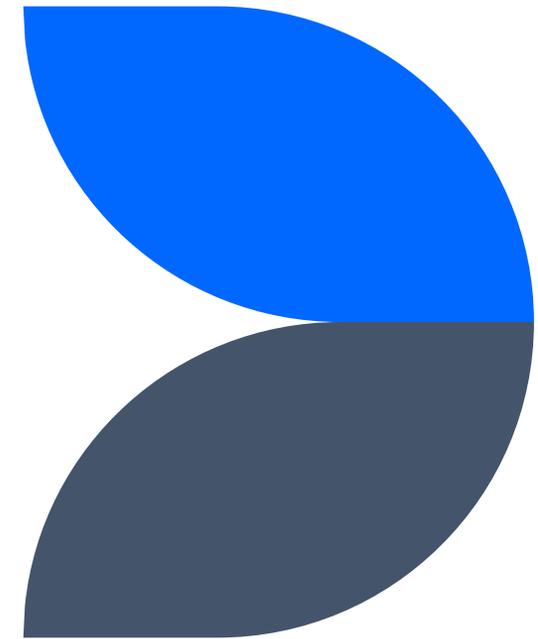


Surgimento do tema e das políticas de enfrentamento da violência contra as mulheres

- Em 1994, a OEA ampliou a proteção às mulheres com a Convenção para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, a “Convenção de Belém do Pará”, que aponta ser a violência contra elas uma grave violação à dignidade humana, historicamente fundamentada nas relações de poder desiguais entre os gêneros. Primeiro tratado internacional a reconhecer essa violência como fenômeno generalizado, que alcança, sem distinção de raça/etnia, classe, religião, geração ou qualquer outra condição, expressivo número de mulheres no planeta. Além disso, ocorre no âmbito público e privado, afeta em todas as fases da vida, obstaculizando o seu pleno desenvolvimento e sua existência autônoma nos diversos contextos nacionais.
- Nessa época, denúncias de violência às mulheres já se constituíam em bandeiras de luta por instituições e serviços especializados de acolhimento das vítimas e enfrentamento do problema, bem como um conjunto de reflexões já se constituía em um campo teórico de estudos sobre gênero e sexualidade em diversos países. Essa realidade teve sua generalizada ocorrência constatada na Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres em Beijing 1995, canalizando o tema em uma de suas plataformas prioritárias.
- Para se alcançar esse novo patamar societário, era necessário levantar dados confiáveis acerca dos diversos tipos de violência e das relações em que ocorriam (e ainda ocorrem), conhecendo-se a dimensão da incidência, as expressões do fenômeno e as suas motivações contextuais. Nesse sentido, vários *corpora* foram gerados e hoje muito se sabe e se intervém em busca de prevenção e coibição eficientes a esse fenômeno pelos Estados e pelas sociedades civis.

Violência contra as mulheres nas universidades

- No caso da violência nas universidades contra as mulheres e outros grupos considerados feminizados, como as/os/es LGBTIA+, pouco se sabe a respeito no interior dos países e, menos ainda, em termos globais. Mesmo com a garantia de igualdade entre gêneros na letra de várias Cartas Magnas, a valorização dessas pessoas precisa ser constantemente reconstruída nos espaços acadêmicos e, neles, o ingresso, a permanência e a segurança física e emocional delas precisam, com frequência, ser viabilizados por ações políticas, bem como precisam ser sempre remarcado o reconhecimento de sua capacidade, empenho e competência.
- No Brasil, as violências perpetradas por alunos, docentes e funcionários contra alunas, professoras e funcionárias começaram a ganhar visibilidade enquanto um fenômeno social nos anos 2000, embora casos esporádicos tenham sido noticiados e tenham sido mobilizadores de movimentações coletivas décadas antes, a exemplo da morte da aluna do sexto semestre de Letras UnB, Thaís Muniz Mendonça, pelo ex-namorado e estudante de Sociologia da mesma universidade, Marcelo Bauer, em 1987.
- Ainda que algumas violências ocorram fora dos muros da instituição acadêmica, ao envolverem pessoas que passam a ter posições e papéis sociais definidos a partir de suas inserções nela, acabam sendo referenciadas e, muitas vezes, motivadas por suas relações estabelecidas no interior da comunidade universitária. Logo, trata-se de um espaço não só físico, mas emocional e simbólico de relações de poder, que se estende para outros espaços de sociabilidade em que os e as envolvidos/as se encontram, a exemplo de um estudante ofender uma colega nas redes sociais.



Múltiplas violências

- A universidade é um ambiente rico e potente na produção do conhecimento, formação profissional, debates, desenvolvimento de diretrizes de vanguarda à educação e à cidadania, mas é também um ambiente desigual, inseguro, coercitivo e intimidador às mulheres em geral, a começar por nem sempre nos vermos consideradas como pertencentes a suas posições de destaque e prestígio, às imagens difundidas dos cientistas, ao seu cotidiano diante da ausência de creches, fraldários, moradia estudantil conjunta para crianças, iluminação e banheiros inclusivos para todes.
- Nossos nomes não estão estampados como fundadoras de saberes disciplinares, nossos primeiros nomes são omitidos em referências bibliográficas, onde figuramos pelos nomes de família, em geral oriundos da linhagem paterna. Nossos nomes e nomear nossas vivências desafiadoras e difíceis na academia soam dissonantes do que se entende o *lócus* do mérito, da razão e da genialidade pessoal, os quais seriam, por natureza no patriarcado, próprios aos homens.
- Falta da importância da perspectiva de gênero na pesquisa científica, assimetrias entre autores, áreas, comitês editoriais e na revisão por pares.

Movimentos coletivos

- Foi o acesso maciço das mulheres, em sua interseccionalidade, e LGBTIA+ desde os anos 2000 nas salas de aula, laboratórios, oficinas, enfim, na educação superior brasileira que marca a abertura desse debate. É verdade que, em áreas com Engenharias e TIs, as mulheres ainda se encontram minoritariamente, mas é notável o aumento do nível educacional feminino entre o período de 1977 e 2001, com 59% de elevação de acordo com as PNADs. Hoje, as mulheres são maioria no ensino superior e, em 2021, as mulheres negras eram o grupo social majoritário nas universidades públicas, embora este cenário ainda não se desdobre no mercado de trabalho.
- A geração de universitárias dos anos 1970 estava ligada a idealizações do sistema patriarcal de mãe e esposa enquanto a geração do início deste século já vincula a participação feminina nos estudos superiores à realização pessoal, escolha e sucesso profissional, o que já se tornou legitimado socialmente. Além dessa mudança identitária, o elevado número de mulheres traz consigo outras sociabilidades e dinâmicas internas às instituições, propiciando formas diversas de organização na política estudantil, estabelecimento de coletivos feministas, expressões particulares para reivindicar direitos e fazer denúncias, (ciber)ativismo, pichações e artes, bem como a articulação em redes dentro e fora da universidade, presenciais e virtuais, que ampliem a possibilidade de visibilidade, proteção e solidariedade. Alunas, professoras e funcionárias têm desenvolvido parcerias e apoio mútuo no que toca essas pautas, partilhando suas parcerias também com grupos e outras entidades externas à instituição.
- Dessa politicidade em perspectiva feminista, emerge a transformação desses espaços na direção de iniciativas horizontais, sem a centralidade de autoridades burocráticas, de propostas plurais de satisfação, bem-estar e projetos conjuntos. Dessas novas tramas, que revelam e demovem os fios de violência aí incrustados, surgem vínculos de amizade e afetividade que acolhem as histórias de sofrimento e humanizam as instituições endurecidas pela competição, linguagem e estruturas patriarcais impostas sobre o que as pessoas, em sua diversidade, anseiam para si e para a sociedade. É também dessa movimentação de base que surgem importantes iniciativas, protocolos e pressão por respostas efetivas das administrações superiores à prevenção, à responsabilização dos agressores e à prevenção da violência nas universidades.

PROJEÇÕES FUTURAS

- Esse campo de estudos revela-se promissor, com muitas pesquisas, discussões e intervenções ainda necessárias em escala micro e macro, qualitativa e quantitativa.
- Uma literatura especializada e práticas inovadoras, em âmbito nacional e internacional, começam a se firmar e serem difundidas.
- Histórias dolorosas e em meio a cenas de desgastes físico-emocionais ainda serão reveladas por parte das vítimas em futuros trabalhos, as quais descortinarão paralelamente histórias não admiráveis de reconhecidos acadêmicos e prestigiosas universidades, as quais muitas vezes fecham as portas para as denúncias e acabam protegendo seus ilustres docentes, alunos e funcionários, enfim, a instituição patriarcal.
- Ainda que, recentemente e pela primeira vez na história do Brasil, uma mulher esteja à frente do ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), Luciana Santos, iniciativas, políticas públicas, institucionais e intersetoriais devem ser formuladas e implantadas, proporcionando avanços e reconhecendo as mulheres como protagonistas na comunidade universitária e no mundo acadêmico.
- A promoção da equidade de gênero contribui para a inclusão, a diversidade e, sem dúvida, para a qualidade e a inovação na ciência.



Sugestão de Leitura

- Tânia Mara Campos de Almeida e Valeska Zanello (Orgs.) . *Panoramas da violência contra mulheres nas universidades brasileiras e latinoamericanas*. Brasília: OAB Editora, 2022. E-book disponibilizado gratuitamente no site da Biblioteca Digital da OAB - <https://www.oab.org.br/publicacoes/pesquisa?termoPesquisa=panoramas#modal-publicacao>
- *Overview of violence against women at Brazilian and Latin American universities*. Brasília: OAB Publishing House, 2023. Apoio da Fundação Heinrich Böll no Brasil.



Obrigada

Tânia Mara Campos de Almeida

taniamaraca@unb.br